

Quarto Capítulo

4 O Reino de Deus e a Liberdade Cristã

Nossa intenção, neste capítulo, é analisar a liberdade cristã dentro do contexto da vocação de Deus na gratuidade de seu Filho, Jesus Cristo, quanto ao estabelecimento do Reino nos corações sensíveis ao seu chamado; a formação da Igreja na dinâmica do Espírito Santo, como espaço da práxis da liberdade; seu comissionamento, dado pelo Senhor Jesus aos seus discípulos, a fim de que dessem continuidade à Sua missão, vivendo e proclamando o Evangelho, que convida à liberdade, e agindo, concretamente, na história,⁷⁷⁵ para promoção de uma nova sociedade com sinais tangíveis do Reino do Pai. Faz-se necessário, por força do próprio tema de nosso trabalho, verificar a teologia paulina sobre a liberdade cristã, especialmente em sua carta aos gálatas.

4.1 Jesus Cristo e a Chegada do Reino de Deus

Como pano de fundo ao irrompimento do Reino de Deus na pessoa de Jesus Cristo, podemos trazer algumas considerações breves sobre o contexto histórico. Sendo assim, podemos afirmar que a Palestina é uma pequena região, marcada pela pobreza, porém, era geopoliticamente estratégica, devido à confluência de interesses políticos sírio-fenício-palestinos. Os elementos físicos, característicos da região, era o deserto, o Rio Jordão e os oásis. E, geopoliticamente, era caracterizada pelos interesses comerciais e políticos, contrastados com a consciência religiosa dos judeus e sua compreensão de ser um povo liberto por Deus.

⁷⁷⁵ Podemos afirmar que Deus inculturou-se na pessoa de Jesus Cristo, que exerceu seu ministério no horizonte da história, buscando fazer do Reino do Pai um fermento lançado à massa, capaz de provocar profundas e radicais mudanças. Por isso, entendemos “*inculturação*” na mesma perspectiva do processo de Encarnação de Jesus Cristo (Cf. Jo 1, 1ss; Heb 1,1ss). O termo é novo e, no dizer do Pontífice da Igreja Católica Romana, João Paulo II, “significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo na várias culturas”. Ou seja, pelo processo de inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos, com todo o seu ethos cultural, nas suas próprias comunidades. Cf. REB 53 N. 212/DEZ. 93, p. 194.

A prática religiosa judaica fundamentava as relações sociopolíticas na Palestina do tempo de Jesus. A concepção de ser Jerusalém a cidade escolhida por Deus e ser a Palestina a terra prometida por Yahweh, constituíram os dois legados que marcaram os episódios religiosos do AT e do NT.

O governo de Herodes, o Grande, durou entre 37 e 4 a.C.. Ele governou sobre os territórios da Judéia, Samaria, Iduméia, Galiléia e Peréia. Herodes, o Grande, teve o poder, delegado por Roma, de governar a Palestina, embora não fosse judeu.⁷⁷⁶

Após a morte de Herodes, seu reino foi dividido entre seus filhos. Herodes Arquelau herdou de Herodes, o Grande, a Judéia, a Samaria e a Iduméia, que governou até o ano 4 d.C.; e Herodes Antipas governou as regiões da Galiléia e Peréia, de 4 a.C. até 39 d.C. Este último é, dentre os soberanos herodianos, o mais mencionado no NT.

Do ano 6 até 41 d.C, a Judéia, a Samaria e a Iduméia passaram a ser administradas diretamente por procuradores romanos. Agripa, descendente de Herodes, governou esta região entre 41 e 44 d.C.. Após este período, a administração voltou às mãos dos procuradores romanos.

No tempo de Jesus, a Palestina está imersa numa crise de identidade. De Alexandre, o Grande, e no decorrer dos trezentos anos que se seguiram, a perseguição cultural contra os judeus foi constante. Houve uma forte emigração de judeus que se conformaram com os costumes e hábitos mediterrâneos orientais e egípcios – emigração esta chamada *Diáspora*.⁷⁷⁷

A configuração social da Palestina proporcionou a emergência de partidos e movimentos de natureza religiosa e política. Na sociedade judaica, existiam duas correntes religiosas que expressavam maior influência na religião judaica: os saduceus e os fariseus. Junto a elas existiam movimentos de natureza messiânica com posicionamento oposto ao *status quo* religioso ou civil: os sicários, os zelotas, e os essênios.

⁷⁷⁶ KIPPENBERG, H. G., **Religião e formação de classes na antiga Judéia**, São Paulo: Paulus, 1988, pp. 109-116.

⁷⁷⁷ “A expressão mais clara desse desenvolvimento é a concentração da posse da terra na mão de poucos latifundiários. Ela determinava - talvez com uma exceção parcial na época hasmonéia - a

4.1.1 O Reino de Deus no Novo Testamento

Quando o período neotestamentário surge, as expectativas messiânicas fazem parte do cotidiano dos principais grupos religiosos da época. Esta idéia é assumida sob o enfoque imanente pela ideologia dos essênios, fariseus, saduceus e zelotas.

A mensagem central de Jesus Cristo sempre girou em torno do Reino de Deus, cujo propósito era o domínio de Deus sobre o coração do homem.⁷⁷⁸ A pregação falava não só de um Reino sem qualquer dimensão temporal ou espacial, mas também sobre a soberania de Deus sobre todas as coisas e sua ação redentora na vida integral do ser humano. Não se tratava também de um novo Reino, mas tão somente do advento, da chegada, do aparecimento, do desvelamento do Reino sempre existente. Não era um Reino futuro, mas presente, inaugurado, chegado “em” e “com” sua presença e mensagem.⁷⁷⁹ Biéler afirma que

“[...] por certo que a vinda do Reino de Deus já se manifestou no drama de que a cruz do gólgota e a ressurreição da Páscoa são os atos culminantes. A criação toda recebeu aí, o penhor de sua reconciliação com Deus e consigo mesma, representando o fim de sua alienação.⁷⁸⁰

Logo, constata-se a perfeita vontade de Deus no centro da mensagem de Jesus Cristo.⁷⁸¹ Jesus Cristo é o único mediador dessa experiência salvífica.⁷⁸² Em Cristo, não há mais barreiras entre Deus e o homem, e sua soberana vontade é executada pela ação do Espírito Santo.⁷⁸³

situação econômica da Palestina inclusive no período romano.” STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang, p. 131.

⁷⁷⁸ GNILKA, J. **Jesus de Nazaré – Mensagem e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 83.

⁷⁷⁹ GOPPELT, L., p. 86.

⁷⁸⁰ BIÉLER, André. op. cit., p. 350.

⁷⁸¹ GARDNER, E. C., op. cit., pp. 86-89.

⁷⁸² *Institutas*, livro II, cap. 12, seções 1 a 4.

⁷⁸³ BRUNNER, E. **Teologia da Crise**. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 78.

Portanto, pertencer ao Reino⁷⁸⁴ significa viver sob o senhorio de Deus através de Jesus Cristo.⁷⁸⁵ A realidade do Reino de Deus é maior do que qualquer prática cristã, mas a verdadeira prática cristã é vivida por aqueles que fazem parte do Reino. Jesus Cristo é aquele que traz a realidade do Reino à vida humana.

O especialista em NT, o exegeta Goppelt, declara que “a atividade de Jesus gira em torno de um conceito fascinante. Tudo se relaciona com Ele e tudo provém Dele. Esse centro é a *basiléia tou theou*, o reino de Deus”.⁷⁸⁶ Schmidt diz que “o Reino de Deus é a totalidade da mensagem de Jesus Cristo e de seus Apóstolos”.⁷⁸⁷

Na verdade, o *Reino de Deus* diz respeito aos que são inseridos em uma nova aliança, pela própria vocação do Pai, como expressão de sua graça, através de Jesus Cristo, vivendo agora sob o senhorio de Cristo.⁷⁸⁸ “O Reinado de Deus deve exercer-se na história e o reino de Deus deve ser uma realidade dentro dela”.⁷⁸⁹

O Reino de Deus, apresentado por Jesus Cristo, é dom gratuito de Deus, ou seja, é o dom do amor, que tem sua iniciativa no próprio Deus. Como dom, o Reino de Deus é recebido pelo homem através da abertura e da receptividade sem, contudo, perder a dimensão de sua inabilidade quanto a sua auto-salvação.⁷⁹⁰ Sendo assim, o Reino é o poder dinâmico de Deus que se torna visível por meio de sinais concretos que mostram que Jesus é o Messias.

O Reino, anunciado e vivido “em” e “por” Jesus, não tem como fundamento a violência nem a força das armas, visto que a realeza de Jesus não estava vinculada a este mundo. Ao contrário, a força de sua realeza está no fato de que ele comunica liberdade e vida pela força do Espírito na vida interior do homem.⁷⁹¹

⁷⁸⁴ Segundo Karl L. Schimidt, os termos “Reino de Deus”, “Reino de Cristo” e “Reino dos Céus” mostram o mesmo sentido primário de “realeza divina” ou “autoridade régia”. Ver SCHIMIDT, K. L. Rei e Rei. In: KITTEL, G. Igreja no Novo Testamento. São Paulo: ASTE, 1965, pp. 91-97.

⁷⁸⁵ CROSSAN, J. Reino e Sabedoria. In: _____, Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. cap. 12, pp. 302-339.

⁷⁸⁶ GOPPELT, L., op. cit., p. 80.

⁷⁸⁷ SCHMIDT, K. L. *Rei e Reino*. In: KITTEL, G. op. cit., p. 96.

⁷⁸⁸ YODER, John Howard. A Política de Jesus. São Leopoldo – RS. Sinodal. 1988, pp. 19-27.

⁷⁸⁹ MATEOS, Juan. A Utopia de Jesus. São Paulo. Paulus. 1994, pp. 13,14.

⁷⁹⁰ AZEVEDO, Marcello S. J. op. cit., pp. 35,36.

⁷⁹¹ BARRETO, J. O Evangelho de São João. **Análise Linguística e Comentário Exegético**. São Paulo: Paulinas. 1989, pp. 741,742.

Portanto, a esperança cristã consiste muito mais que uma utopia da fé. Consiste num processo em direção à verdade, desapegada ao desespero das esperanças terrenas, capaz de produzir confiança no Deus que proporciona todo bem e toda justiça. Na dimensão do Reino, a esperança do cristão ultrapassa as fluidas expectativas desse mundo, pois ele foi criado e recriado em Jesus Cristo para uma realidade supramundana.

Crossan declara o seguinte sobre o tema:

O Reino de Deus é povo sob governo divino - e isto, como ideal, transcende e julga todo o governo humano. O foco da discussão não está em reis, mas em governantes; não no reino, mas no poder; não no lugar, mas no processo. O Reino de Deus é o que o mundo poderia ser se Deus estivesse direta e imediatamente à sua frente. Mas mesmo dentro dessa compreensão da expressão, é possível e necessário imaginar uma tipologia quádrupla básica do Reino de Deus no uso judaico da época de Jesus. Imaginem-se quatro quadrantes ou tipos criados pela intersecção de dois eixos. Um eixo é uma distinção de *tempo*, com o futuro ou presente em cada extremidade. O outro eixo é uma distinção de classe, baseada mais uma vez no modelo de Lenski, com os Arrendatários ou elites de escribas em uma extremidade, e os Camponeses ou pessoas comuns na outra.⁷⁹²

O Reino de Deus torna-se uma realidade histórica na pessoa de Jesus Cristo. Por isso que o propósito central do NT é mostrar que, com a vinda do Messias, um novo tempo é instaurado e, através da pessoa de Jesus Cristo e de sua obra, o Reino de Deus tornou-se uma realidade.⁷⁹³ Portanto, Reino de Deus e cristologia estão inseparavelmente ligados, pois, segundo Leonardo Boff, “Jesus prega, presencializa e inaugura este reino”.⁷⁹⁴ Na verdade, em Jesus se cumpre toda a esperança messiânica.

⁷⁹² CROSSAN, John Dominic. **Jesus: Uma Biografia Revolucionária**. São Paulo: Imago. 1995, p. 70. Cf. PADILLA, C. René. *Missão Integral*. Ensaios sobre o Reino e a Igreja. São Paulo: Temática Publicações. 1992, p. 142. Cf. BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes. 1985. Ver John Howard Yoder. *A Política de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal. 1988, pp. 9-18.

⁷⁹³ PADILLA, C. René. *op. cit.*, p. 197.

⁷⁹⁴ BOFF, Leonardo, *op. cit.*, p. 62. Gottfried afirma que “L. Boff indiscutivelmente merece consentimento ao embasar o falar sobre o reino de Deus na cristologia. Reside aí uma das mais valiosas contribuições de seu livro”. Cf. BRAKEMEIER, Gottfried, p. 18.

Em *A Santíssima Trindade*, Boff declara que “Ele é a total expressão do Pai”.⁷⁹⁵ Boff ainda declara sobre a realidade do Reino de Deus que:

Reino de Deus é a revolução e a transfiguração total, global e estrutural desta realidade, do homem e do cosmos, purificados de todos os males e repletos da realidade de Deus [...]. No Reino de Deus, a dor, a cegueira, a fome, as tempestades, o pecado e a morte não terão mais vez [...]. Cristo veio para sanar toda a realidade em todas as suas dimensões, cósmica, humana e social [...]. A intervenção de Deus já (foi) iniciada, mas ainda não totalmente acabada [...]. A pregação do Reino se realiza em dois tempos, no presente e no futuro.⁷⁹⁶

Não sem razão a pregação apostólica traz a mensagem do Reino. Esta pregação ou testemunho apostólico se faz pelos evangelhos, pelas cartas paulinas, pelas cartas gerais e pelos textos joaninos, que tratam do Reino de Deus sob enfoques distintos, porém sob o fundamento da pregação ou anúncio feito por Jesus.

4.1.2 O Testemunho Apostólico do Reino de Deus nos Evangelhos

Os evangelhos apresentam, como a chave para a compreensão do Evangelho de Jesus, o significado dinâmico de *Reino* (basiléia). O Reino que ele proclama é o poder de Deus em ação entre os homens por meio de sua pessoa e seu ministério. Orígenes disse que Jesus Cristo era o *autobasiléia*, ou seja, o Reino em pessoa.⁷⁹⁷

⁷⁹⁵ Id., *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 2000, p. 129.

⁷⁹⁶ BOFF, Leonardo, op. cit., pp. 62,66,67,69,74.

⁷⁹⁷ Comentário de Mateus 14.7 de Orígenes.

Entre os evangelhos, é em Marcos que o termo *Reino de Deus* aparece catorze vezes. O termo⁷⁹⁸ é enfatizado, começando no batismo de Jesus Cristo. O próprio evangelista interpreta este batismo como sendo a evidência da chegada do Messias. Temos em Marcos o anúncio do Reino de Deus, como dissemos acima, a irrupção do tempo de Deus. Em Jesus Cristo, Deus concretiza o seu projeto de estabelecimento de seu Reino na vida do ser humano. O Reino de Deus, que é transcendente, aproxima-se dos homens pecadores, ainda que não pertença à realidade imanente.

Na verdade, “o Reino de Deus é a totalidade da mensagem de Jesus Cristo e de seus Apóstolos”⁷⁹⁹ afirma Schmidt. Goppelt declara que “a atividade de Jesus gira em torno de um conceito fascinante. Tudo se relaciona com ele e tudo provém dele. Esse centro é a *basiléia tou theou*, o reino de Deus”.⁸⁰⁰

Em Marcos, a história torna-se, na verdade, o palco onde o Deus eterno inaugura e instala seu Reino e seus propósitos através do Messias⁸⁰¹ prometido, Jesus Cristo. O evangelho de Marcos é a primeira fonte preservada sob a forma escrita entre os evangelhos, e encontramos nele a afirmação da messianidade de Cristo.

Neste aspecto da messianidade, os zelotas e os essênios nutriam grandes expectativas no advento do *filho de Davi*, e esta esperança era grandemente difundida em Jerusalém (Mc 11.10).⁸⁰²

Já o evangelho de Mateus apresenta o testemunho da messianidade de Jesus através das suas citações de reflexão, do seu propósito apologético, da sua compreensão histórico-salvífica e dos predicativos messiânicos. O conceito que une todos estes testemunhos é o de Reino dos Céus.⁸⁰³

⁷⁹⁸ Aland, Kurt, Black, Matthew, Martini, Carlo M., Metzger, Bruce M., ad Wikgren, Allen, *The Greek New Testament*, (Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart) 1983. Cf. ROLOFF, Jürgen, op. cit., pp. 31-38.

⁷⁹⁹ SCHMIDT, K.L. Rei e Reino. In: KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento. São Paulo. ASTE. 1965, p. 96.

⁸⁰⁰ GOPPELT, Leonhard, op. cit., p. 80.

⁸⁰¹ No tempo de Jesus Cristo as expectativas messiânicas eram as mais diversas possíveis. Os vários grupos religiosos alimentavam esperanças messiânicas de acordo com suas crenças. Denizete Scardelai em *Movimentos Messiânicos no Tempo de Jesus – Jesus e outros Messias* -, esclarece bastante esse assunto. Ver pp. 109-204.

⁸⁰² GETZ, Gene A. **Igreja: Forma e Essência**. O Corpo de Cristo pelos Ângulos das Escrituras, da História e da Cultura. São Paulo: Vida Nova. 1994, pp. 53-55.

⁸⁰³ KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese Teológica do Novo Testamento: de acordo com as testemunhas principais**: Jesus, Paulo, João. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 35.

O termo *Reino dos Céus* ocorre 31 vezes em Mateus. E é notável que não apareça em nenhuma outra parte do NT. Em contraste, o termo *Reino de Deus* ocorre 63 vezes no NT.⁸⁰⁴ A explicação mais corrente para Mateus preferir usar a expressão *Reino dos Céus*, e não Reino de Deus, é que Mateus, ao escrever para leitores especificamente judeus, introduziu o termo *céus* para não chocar seus leitores ao mencionar o termo Deus. Porém, Mateus usa o termo *Deus* 50 vezes, o que torna difícil crer ser esta a razão da troca.⁸⁰⁵

Quando é feita a comparação entre os evangelhos de Mateus e Lucas, Mateus utiliza *Reino dos Céus* exatamente no mesmo contexto em que Lucas utiliza *Reino de Deus*. Assim não paira nenhuma dúvida que são termos diferentes que descrevem a mesma coisa. O *Reino dos Céus* e o *Reino de Deus* são sinônimos.⁸⁰⁶

O Evangelho de Mateus trata deste Reino, o Reino dos Céus, contextualizadamente, tendo como pano de fundo uma realidade social que tinha por característica, segundo Andrew Overman, a hostilidade da liderança judaica contra os cristãos, acrescida da sensação de ruína nacional, advinda da falência das tentativas de vivenciar a vontade de Deus através das revoluções armadas e da violência.⁸⁰⁷ Esta violência gerou as guerras judaicas, que culminaram na desolação de Israel.

Dentro desta concepção, a comunidade que recebeu o evangelho de Mateus estava sofrendo uma dupla afronta: a perseguição dos adeptos do judaísmo formativo e a realidade social desprivilegiada e fragmentada, que gerou desagregação e disputas internas na Igreja.⁸⁰⁸

⁸⁰⁴ CROSSAN, John Dominic, p. 70.

⁸⁰⁵ LADD, George Eldon, op. cit., p. 69.

⁸⁰⁶ JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**: a pregação de Jesus. São Paulo: Paulinas, p. 152.

⁸⁰⁷ OVERMAN, Andrew. **O Judaísmo Formativo**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 54.

⁸⁰⁸ MORACHO, Félix. **Como Ler os Evangelhos**: para entender o que Jesus fazia e dizia. São Paulo: Paulus. 1994, p. 60. Cf. MANSON, T. W. **O Ensino de Jesus**. São Paulo: ASTE. 1965, p. 155. Ver Também: BROWN, Raymond. **As Igrejas dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas. 1986, p. 189.

Já no evangelho de Lucas, há uma curiosa tensão entre as palavras de Jesus que falam do Reino de Deus, como se tivesse irrompido já no momento presente, e aquelas outras que parecem considerá-lo um acontecimento futuro. Como conciliar, por exemplo, o “*chegou a vocês o Reino de Deus*” (Lc 11, 20) com a petição “*Pai, venha teu Reino*” (Lc 11, 2)? O verbo *phthanein*, em aoristo (*ephthasen*) só pode significar “tem chegado”; mas para quê pedir que venha o que já chegou? E quanto às freqüentes exortações à vigilância e à paciência (Lc 12, 35-40), por que seria necessária a paciência se já chegou o que se espera?

Alguns propuseram explicações psicológicas para este fenômeno em Lucas. Jesus sabia que o Reino, ainda que próximo, ainda não tinha chegado; mas seu entusiasmo lhe fazia falar como se o Reino já estivesse presente. “Para ele – diz Bousset – já não havia separação entre o presente e o futuro; pois o presente e o futuro, o ideal e a realidade, estão conjugados”.⁸⁰⁹ Já para Feine, Lucas destaca que Jesus teria oscilações de ânimo, e o mesmo via o Reino, já presente, como se estivesse infinitamente afastado.⁸¹⁰ Também foram propostas explicações biográficas para isto. Essas afirmações contraditórias de Jesus corresponderiam a diferentes momentos de sua vida. Segundo Wernle, quando Jesus começou sua atividade, o Reino estava ainda longe e falava dele na perspectiva da esperança; mas, conforme ia decorrendo o tempo, começou a apresentá-lo como uma realidade presente.⁸¹¹ Já Weiss considera que são os anúncios do Reino como realidade presente que correspondem ao começo da pregação de Jesus, e aqueles que falam do Reino como realidade para o futuro são consequência da decepção de Jesus, no decorrer do seu ministério.⁸¹²

⁸⁰⁹ BOUSSET, Wilhelm. *Jesu Predigt im Gegensatz zum Judentum*, Göttingen, p. 63.

⁸¹⁰ Cf. FEINE, P. *Theologie des Neuen Testaments*. 8ª ed. Leipzig, 1950, p. 73.

⁸¹¹ WERNLE, P. *Jesus*. Tübingen. 1916, pp. 237 passim.

⁸¹² WEISS, Johannes. *Die Predigt Jesus vom Reiche Gottes*. 2ª ed. Göttingen, 1900, pp. 100 passim.

Através da teologia dos escritos joaninos, vê-se que, por meio de Jesus Cristo, uma nova imagem de Deus começou a ser mostrada e formada, ou seja, Jesus revelou a graça, a misericórdia, a bondade, o amor e o perdão de Deus, sendo, Ele mesmo, a concretização e a historificação desse Deus.⁸¹³ Jesus Cristo encarnado é a luz nas trevas do mundo, o Eterno Filho “*que nos faz filhos, abrindo-nos*”⁸¹⁴ o caminho para o mistério da Trindade. Ele mesmo disse: “*Aquele que crê em mim, não crê em mim, mas naquele que me enviou*” (Jo 12. 44). Afirma ainda que “*ninguém pode vir a mim, se não atrair o Pai que me enviou*” (Jo 6. 44). Sendo o próprio Deus, agora encarnado em Jesus, pôde afirmar “*eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim*” (Jo 14. 6). Não há como escapar à constante afirmação de que, somente em Jesus Cristo, Deus realiza a verdadeira libertação do homem a fim de que este possa viver em liberdade.

O Reino da liberdade se concretiza definitivamente, ainda que não plenamente, “em” e “por” Jesus Cristo. Nesse sentido, Bruno Forte afirma que,

[...] a Palavra Encarnada pede para ser transcendida, não no sentido que possa ser eliminada ou posta entre parêntesis, porque isto impediria todo acesso às profundezas divinas, mas no sentido que ela é verdade e vida justamente enquanto é caminho (Jo 14,6), limiar que dá passagem para o Mistério eterno.⁸¹⁵

A chegada do Reino irrompe o *silêncio* de Deus, pois segundo as palavras de Bruno Forte, “*Jesus é a Palavra que saiu do Silêncio*”,⁸¹⁶ ou seja, “*o Verbo se fez carne e veio habitar entre nós*” (Jo 1, 14), o Eterno Filho de Deus saiu do Pai, por amor ao próprio Pai e ao homem, abrindo caminho ao maravilhoso mistério da Trindade. Bruno Forte ainda afirma que Deus está sempre em êxodo de si mesmo, encontrando tempo para a humanidade e que, livre e graciosamente, estabeleceu uma aliança com o homem, “*abrindo caminho de seu povo rumo ao Reino prometido, sempre maior que qualquer realização efetuada*”.⁸¹⁷

⁸¹³ GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. São Paulo: Vida Nova. 2000, pp. 58-61.

⁸¹⁴ FORTE, Bruno. op. cit., p. 50.

⁸¹⁵ Ibidem, p. 52.

⁸¹⁶ Ibidem, p. 49.

⁸¹⁷ Ibidem, p. 49.

Portanto, Deus é aquele que, além de comunicar-se na história através das Escrituras e nos eventos históricos, construindo o que chamamos de história da salvação, jamais esteve sob qualquer dominação humana. “Por isso a sua vinda é ‘revelação’: um des-velar-se que vela, um vir que rompe caminho, um mostrar-se no retrain-se, que atrai”.⁸¹⁸ Na verdade, há uma constante dialética no mistério trinitário. Mas o seu momento epocal se dá em sua autocomunicação na pessoa encarnada de seu bendito filho, Jesus Cristo. O Deus que se aproxima da realidade histórica é o Deus da vinda, da promessa, do êxodo, que sai de si mesmo, é o Deus do Reino.⁸¹⁹

4.1.3 Implicações Teológicas da Concepção Bíblica de Reino de Deus

Alfonso Garcia Rubio, em seu livro *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*, faz algumas colocações muito claras acerca da realidade do Reino de Deus e da relação desse Reino com Jesus Cristo:

A expressão “*Reino dos céus*” era bastante utilizada no judaísmo. Este distinguia o Reinado de Deus sobre Israel, no tempo presente, do Reinado sobre todos os povos, no final dos tempos [...]. Havia uma notória expectativa judaica quanto ao estabelecimento do Reino de Deus no Antigo Testamento [...]. Por isso que, quando Jesus anuncia o Reino, encontra ouvintes receptivos. A pregação de Jesus sobre o Reino estava inserida numa longa tradição de expectativa desse Reinado [...]. De fato, o Reino constituía o centro de toda a vida de Jesus.⁸²⁰

⁸¹⁸ Ibidem, p. 49.

⁸¹⁹ “Ele, então, liga o Reino de Deus a sua comunidade dos discípulos, sem perder da vista todo Israel.” LOHFINK, Gerhard, *Como Jesus Queria as Comunidades: a dimensão social da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 47.

⁸²⁰ RUBIO, Alfonso Garcia. **O Encontro com Jesus Cristo Vivo**. São Paulo: Paulinas. 2003, pp. 33,34. Cf. Mc 1,15; Mt 4,23; Lc 4,43; 8,1 etc. Cf. também L. Goppelt, vol. 1, pp. 101-104.

Como consequência da chegada do Reino através da encarnação do Messias, o NT nos informa que a Igreja é a extensão do Reino ou a comunidade do Reino, ou seja, “a comunidade que reconhece a Jesus como o Senhor do universo e por meio da qual, numa antecipação do fim, o Reino se manifesta concretamente na história”.⁸²¹ Quando Jesus fala em Mateus 16,18 minha Igreja, há uma perfeita harmonia entre sua missão e a comunidade messiânica que nascia a partir dele mesmo. “Sua intenção de rodear-se de uma comunidade própria, sua, na qual as promessas do pacto de Deus com Israel fossem cumpridas, tem verdadeiro início no momento em que seus discípulos o reconhecem como o Messias”.⁸²² É a partir desse momento que Ele anuncia sua intenção.

A Igreja é a comunidade que nasce como desejo do novo entre as pessoas.⁸²³ Sendo assim, é óbvio que a Igreja nunca deve ser equiparada com o Reino. Como descreve Ladd:

Se o conceito dinâmico do Reino estiver correto, nunca deverá ser identificado com a Igreja (...). Na terminologia bíblica, o Reino não se identifica com seus sujeitos. Estes são o povo de Deus que ingressa no Reino, vive sob seu mando e é governado por ele. A Igreja é a comunidade do Reino, mas nunca o próprio Reino (...). O Reino é o Reinado de Deus; a Igreja é uma sociedade de pessoas.⁸²⁴

4.2 Jesus Cristo e a Formação do Espaço de Liberdade

Jesus é o paradigma maior da temática da liberdade. A liberdade é cristã, porque sempre remonta a Jesus como inspirador da práxis libertária. A vida e ministério de Jesus não são apenas inspiradores de uma atividade libertador-libertária, mas consistem na própria encarnação da manifestação da liberdade proveniente de Deus. O Cristo encarnado encarna o projeto de Deus de fazer manifestar ao mundo sua vontade: a liberdade do ser humano e as manifestações destas como respostas à sua ação.

⁸²¹ PADILLA, C. René, op. cit. p. 200.

⁸²² Ibidem, p. 200.

⁸²³ MEEKS, Wayne A. op. cit., pp. 120-148.

⁸²⁴ LADD, George E. A Theology of the New Testament. Grand Rapids: William B. Eerdmans. 1974, p. 111. Em português: Teologia do Novo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP. 1985.

4.2.1 Jesus Cristo e a Mensagem da Liberdade

A base pela qual Jesus avança em sua proposta de libertação encontra-se no judaísmo. Significa dizer que a missão de Jesus foi a encarnação da compaixão de Deus que buscava e busca a libertação dos homens. O fundamento ou referência neotestamentária sobre a liberdade é Jesus Cristo. Todos os escritores neotestamentários que tratam sobre a temática da liberdade partem não de meras abstrações teóricas, mas do paradigma histórico, Jesus Cristo. A novidade da liberdade mostrou-se plena “em” e “por” Jesus Cristo. Dessa forma, Jesus Cristo como manifestação da vocação de Deus no homem, exerce seu ministério a partir da história de Israel.⁸²⁵ Ele assumiu o verdadeiro modelo messiânico, sendo o libertador esperado, não com a força da espada, mas com a força de si mesmo, de sua mensagem e do poder do Espírito Santo.

Segundo Marcello Azevedo, a missão de Jesus, como se depreende dos evangelhos, gira em torno de dois eixos fundamentais e mutuamente relacionados:

O primeiro é a *Revelação*, que nos faz Jesus deste Deus de sempre que se manifestou a Israel, Deus do qual Jesus nos apresenta um perfil mais detalhado, novo e original (diferente de todo conceito de que Deus existe). Em relação a este Deus, Jesus vive e transmite uma surpreendente experiência, filial e profunda (Mt 11,25-27; Lc 10,20-22).

O segundo eixo da missão de Jesus é o restabelecimento em nós da possibilidade de uma real e profunda *Comunhão*. Ou seja, é a refortificação de nossa liberdade, para que ela se possa abrir plenamente a Deus e aos nossos irmãos. Isso se chama processo de salvação, de redenção, de libertação integral e de uma verdadeira humanização [...]. Ele no-la confia ao enviar-nos a todas as nações, para nelas fazer-lhes discípulos (Mt 28,18-20). Somos por isso credenciados por Ele, pelo dom e pela força de seu Espírito, no seio da comunidade que Ele quis e que o acolhe na fé, comunidade que chamamos Igreja.⁸²⁶

⁸²⁵ COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo. Paulus. 1998, p. 39.

⁸²⁶ AZEVEDO, Marcello S. J. pp. 34-36.

Por outro lado, devemos também compreender que a revelação de Deus, em Jesus Cristo, não expressou a totalidade de Deus, mas que a Palavra encarnada “abre acesso às sendas abissais do Silêncio, crise de toda presunçosa construção ideológica fechada”.⁸²⁷ São João da Cruz diz que “uma palavra disse o Pai, que foi seu Filho; e sempre no eterno silêncio e em silêncio ela há de ser ouvida pela alma”.⁸²⁸ Diante de tais afirmações, colocamos em xeque todo tipo de religiosidade moderna ou pós-moderna que nutra a pretensão da manipulação do sagrado. Por isso que, sabiamente, Bruno Forte afirma o seguinte:

O Deus da vinda não é o Deus das respostas prontas a todas as perguntas, nem o Deus das certezas baratas, mas o Deus exigente que, amando e dando-se a si mesmo, esconde-se e chama a sair de si mesmos em um êxodo, sem retorno que conduza aos abismos do seu *Silêncio*, último e primeiro.⁸²⁹

Assim, a liberdade cristã nasce concretamente da gratuidade que Deus faz de si mesmo através de Jesus Cristo que, historicamente, acontece na sua vocação. Significa dizer, em outras palavras, que a liberdade cristã chega até aos homens de fora, pois é proveniente de um apelo, de um chamado. Portanto, a verdadeira liberdade nasce no coração de Deus. A oferta de Deus ao homem está exatamente no dom de participar de sua liberdade.

O Evangelho, vivido e anunciado por Jesus Cristo, é o evangelho que busca o homem concreto, promovendo sua inteira libertação. Na força e na ação do Espírito Santo “todo sistema tem que mudar”,⁸³⁰ abrindo caminho para a libertação do homem, a fim de que pudesse viver a liberdade do evangelho. A mensagem do evangelho é o núcleo central de todo chamamento para a liberdade humana, ponto inicial para formação de uma nova humanidade e, conseqüentemente, para uma nova sociedade.

⁸²⁷ FORTE, Bruno, p. 55.

⁸²⁸ CRUZ, São João. Ditos de Luz e Amor. Número 98. In: Obras completas. Petrópolis: Vozes. 2002, p. 102.

⁸²⁹ FORTE, Bruno, op. cit., 55.

⁸³⁰ COMBLIN, José, op. cit., p. 316.

Portanto, “liberdade é assumir a libertação do povo, sair de si próprio movido pela compaixão, como Yahweh, e arriscar a vida no serviço ao próximo”.⁸³¹ Foi assim que Jesus viveu e agiu no cumprimento de seu ministério. Saiu de si, encarnou-se, viveu a compaixão do Pai, sendo a própria compaixão do Pai. “Veio para chamar, para comunicar a vocação a fim de que cada um dos chamados conquistasse sua libertação”.⁸³²

Através da senda do amor ao Pai, da obediência incondicional à vocação do Pai, da humilhação, do sofrimento, da doação, do amor-serviço, do próprio esvaziamento, Jesus Cristo não apenas contrapôs-se ao primeiro Adão, no seu estado de ruptura de Deus, mas também abre o novo caminho de volta à comunhão com Deus, o caminho de volta para casa e ainda a exaltação que recebe da parte do Pai. O clímax da existência histórica de Jesus foi a ressurreição, o evento pascal, sendo o acontecimento que concretiza seu senhorio absoluto, o faz único e universal mediador salvífico entre Deus e os homens, tornando real e presente a experiência histórica da salvação e a sua futura e total plenificação.⁸³³

A mensagem de Jesus tem por objetivo final a formação de uma nova sociedade, mas para que tal aconteça, é imprescindível a formação de um novo homem. Jamais existirá uma sociedade nova sem a existência de um homem novo. Enquanto isso não acontece, o homem continuará despersonalizado e a sociedade destinada à falência. Nenhuma sociedade nova triunfará pela imposição da Lei, visto ser incapaz de mudar o interior do homem. Jesus é e traz a mensagem de um Deus libertador, e não dominador, que coloca o homem numa relação de graça, tendo Deus como Pai e o homem como filho.

Assim, livre da imposição externa como meta de vida, o homem torna-se livre para viver a liberdade do evangelho, no vínculo do amor, em sua relação com Deus e com o próximo.⁸³⁴

⁸³¹ Ibidem, p. 35.

⁸³² Ibidem, p. 40. Cf. RIDDERBOS, Herman Nicolaas. *El Pensamiento del Apostol Pablo*. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafio, 2000, pp. 80-81.

⁸³³ Ver mais em WRIGHT, N. T. **Christian Origins and the Question of God**, vol. 2: *The New Testament and the People of God* (London: SPCK; Minneapolis: Fortress, 1992), pp. 189-99.

⁸³⁴ GOPPELT, Leonhardt, op. cit., p. 366.

A mensagem de Jesus traz a semente da liberdade, sendo um chamado, um convite à ruptura com todo tipo de sistema opressor e injusto, desafiando o homem a criar novas relações humanas, resultado de sua nova relação com Deus. Com isso, Jesus evidencia inexoravelmente que Deus, o seu Pai, era contrário à opressão, à injustiça e à sujeição.⁸³⁵

O teólogo Bruno Forte, em sua obra *A Essência do Cristianismo*, trata com maestria a questão da manifestação do Reino em três dimensões: o êxodo de Jesus do Pai; o êxodo de Jesus de si; e o êxodo de Jesus para o Pai.⁸³⁶

A liberdade para a qual Jesus Cristo nos chamou é a liberdade para viver e agir como construtores do Reino de Deus. Qualquer tipo de liberdade cuja práxis caminhe apenas na direção de uma vida de contemplação, por exemplo, há de ser, na verdade, uma liberdade negativa, visto que carece da outra dimensão, qual seja, a liberdade para agir na história como discípulo de Jesus Cristo. “Ao fugir da sociedade, tornava-se – o monge – incapaz de agir nela e sobre ela”.⁸³⁷ A vocação de Deus, em Jesus Cristo, não apenas liberta o homem, resgatando-o de um mundo opressor, mas a vocação de Deus o devolve ao mundo, a sociedade, para ali promover a sua libertação também.

4.2.2 Aspectos Fundantes da Igreja Neotestamentária

Antes de qualquer afirmação acerca da Igreja, precisamos verificar, a partir das Escrituras Sagradas, os seus fundamentos ou suas bases imutáveis, sobre as quais nasce a Igreja neotestamentária. É sobre esses sólidos fundamentos que a Igreja existe. Eles são inegociáveis. Há, no Evangelho de Jesus Cristo, segundo narrou o evangelista Mateus, um texto que explicita o seu maior fundamento: “Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16). Ou seja, o primeiro e maior fundamento da Igreja é cristológico. Sua base, primeiramente, não é antropológica, mais sim Jesus Cristo.⁸³⁸

⁸³⁵ SCHELKLE, Karl Hermann, v. II, op. cit., p. 139.

⁸³⁶ FORTE, Bruno, op. cit., pp. 49, 57 e 68.

⁸³⁷ COMBLIN, José, op. cit., p. 307.

⁸³⁸ D'ARAÚJO, Caio Fábio Filho. *Igreja: Evangelização, Serviço e Transformação Histórica*. Rio de Janeiro / São Paulo. VINDE / SEPAL. 1987, pp. 92,93.

Quanto à formação da Igreja, é preciso ressaltar que são as Escrituras que nos fornecem as bases teológicas da Comunidade Cristã. A Igreja neotestamentária é uma extensão do povo de Deus do AT, o povo de Israel. Sendo assim, a Igreja é o novo povo de Deus (I Pe 2,9,10).⁸³⁹

A imagem mais profunda que temos no NT quanto à relação entre Jesus e a Igreja é que ela é vista como o Corpo de Cristo. Tal imagem expressa a realidade espiritual e funcional da Igreja (Ef 1,13; 4,7-16; Gl 3,28;).⁸⁴⁰

Assim, o primeiro elemento fundante da Igreja neotestamentária é o cristológico. Senão vejamos a expressão *tu és o Cristo*, que é a fonte do nascimento da Igreja. A sua base não é antropológica, conquanto seja uma instituição com dimensões humanas, mas o Senhor Jesus. Ela é e será sempre cristocêntrica.⁸⁴¹ Portanto, podemos afirmar que a Igreja é uma instituição divino-humana.⁸⁴²

O segundo elemento basilar da Igreja neotestamentária é o cumprimento da promessa do Espírito Santo. A vida e o dinamismo da Igreja tornam-se realidade na pessoa do Espírito. Quando os doze e os demais discípulos retornam para Jerusalém, na obediência à palavra de Jesus, tem-se o cumprimento da promessa do derramamento do Espírito Santo, numa experiência temporal e definitiva sobre o novo Israel de Deus, que estava nascendo no exercício da fé no Cristo ressuscitado e na dinâmica do Espírito, que trazia vida e força à nova Comunidade da Fé.⁸⁴³ Por isso, afirmamos que a Igreja é pneumatológica, pois carrega em si o dinamismo do Espírito. Temos a seguinte declaração de Horrel:

⁸³⁹ COSTAS, Orlando E. **Hacia una Teología de la Evangelización**. Buenos Aires – Argentina.: Ed. La Aurora. 1973, p. 132. Cf. Deut 7, 7; Heb 13,13; I Pe 5,10,11.

⁸⁴⁰ Ibidem, pp. 133,134.

⁸⁴¹ D'ARAÚJO, Caio Fábio Filho, p. 92.

⁸⁴² Para muitos escritores, o Jesus pré-pascal não fundou a Igreja. Sendo assim, a Igreja só teria seu início com a ressurreição de Jesus. Cf. ROLOFF, Jürgen, p. 62. Veja a afirmação de G. Bornkamm: “*A fundação da Igreja, portanto, não é obra já do Jesus terreno, mas do ressurreto*”. BORNKAMM, G. **Jesus von Nazareth**. 1956, p. 171. Encontramos ainda E. PETERSON. *Theologische Traktate*. München. 1951, pp. 409-429; H. SCHLIER, *Die Entscheidung für die Heidenmission in der Urchristenheit*, in: id., *Die Zeit der Kirche*, Freiburg, 1958, pp. 129-147; N. A. DAHL, *Das Volk Gottes*, pp. 176, 278; H. von CAMPENHAUSEN, *Kirchliches Amt und geistliche Vollmacht*, pp. 10-12. Sem dúvida que a páscoa é o ponto de partida para toda cristologia explícita.

⁸⁴³ ROLOFF, Jürgen, pp. 65-74. Cf. BOFF, Leonardo, pp. 141-145.

O derramamento do Espírito Santo aconteceu como cumprimento profético num contexto de oração. O Espírito Santo [...] veio trazer vida e capacitação para levar o testemunho de Jesus até os confins da terra, redundando, assim, no estabelecimento de Igrejas locais.⁸⁴⁴

A novidade do Evangelho chega ao coração do homem pela ação do Espírito Santo, visto que é o Evangelho da liberdade. Por isso, Karl Barth afirma que é

[...] no mistério eterno do ser de Deus que se deve buscar a razão pela qual ninguém pode ir ao Pai a não ser por meio do Filho; porque o Espírito, mediante o qual o Pai atrai a si os seres humanos, é, desde toda a eternidade, também o Espírito do Filho e é por seu meio que o Pai nos faz participantes da filiação divina em Cristo.⁸⁴⁵

Outro elemento fundante da Igreja, tido como paradigma teológico de sua ação querigmática, é a Palavra de Deus, a doutrina dos apóstolos. Perder a noção de que as Escrituras são a Palavra de Deus é correr o risco de uma anunciação evangélica superficial acerca do Jesus histórico e do Cristo da fé. Atos 2, 42 diz: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos [...]”. A fé no Cristo ressuscitado era algo basilar para a vida da comunidade primitiva.⁸⁴⁶

⁸⁴⁴ HORREL, J. Scott (Org.). *Ultrapassando Barreiras. Novas Opções para a Igreja Brasileira na virada do século XXI*. Armando Bispo Cruz. Os Dons Espirituais. Despertando o Potencial Divino da Igreja Local. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1989, pp. 94-96. Cf. PACKER, J. I. **Na Dinâmica do Espírito**. Uma Avaliação das Práticas e Doutrinas. São Paulo: Vida Nova. 1991, p. 62. Cf. AGOSTINHO, Santo. De Trinitate. 5, 11, 12: Pl 42, 919.

⁸⁴⁵ BARTH, Karl. **Die kirchliche Dogmatik**. I/2. Zürich: Evangelischer Verlag. 1942, p. 273.

4.3

O Espírito Santo como Agente Capacitador da Missão

O homem, por meio de Jesus Cristo, recebe a oferta de Deus, a vocação no novo nascimento, a real possibilidade de nascer da água e do Espírito, tendo sido recriado para uma viva esperança. Recriado pela graça de Deus, o homem torna-se habitação do Espírito Santo, cuja vida no homem o orienta e o ilumina para uma nova vida.

O Espírito Santo, além de operar, no homem, a nova vida, realiza nele a confiança de que, agora, é filho de Deus.⁸⁴⁷ O Espírito Santo foi dado ao homem renovado como penhor e garantia da glória e o acompanha em toda a sua trajetória. Como penhor e garantia (Ef 1, 13,14), Ele é convite permanente à esperança na ressurreição. O Espírito do Senhor ou do Ressuscitado é a energia que dinamiza o coração do cristão, potencializando alegria, esperança, capacidade de testemunho e suficiência no processo de conformar-se com a pessoa de Jesus Cristo e, ainda mais, sinal da eterna comunhão com Ele que, no *éschaton*, será plena e definitiva. Discorrendo sobre o referido tema, Moltmann argumenta que,

[...] esperamos que o Espírito da nova criação derrote a violência humana e o caos do universo; mais do que isso: esperamos que a força do tempo e da morte serão derrotadas também; finalmente, esperamos a eterna consolação [...] esperamos alegria eterna na dança do companheirismo com todas as criaturas e com o Deus trino.⁸⁴⁸

⁸⁴⁶ RUBIO, Alfonso Garcia. **O Encontro com Jesus Cristo Vivo**. São Paulo: Paulinas, 1994, pp. 96-106. Cf. KITTEL, Gerhard. **A Igreja no Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1965, pp. 17-36.

⁸⁴⁷ “[...] a nova vida, que passa a existir com o nascimento a partir do Espírito de Deus, justamente não é nenhum nascimento repetido, mas é o novo nascimento único e definitivo de uma vida humana para a nova e eterna criação do céu e da terra, sendo o começo do cumprimento da promessa de Deus: ‘Eis que faço novas todas as coisas’ (Ap 21: 5)” Ver: “[...] a nova vida, que passa a existir com o nascimento a partir do Espírito de Deus, justamente não é nenhum nascimento repetido, mas é o novo nascimento único e definitivo de uma vida humana para a nova e eterna criação do céu e da terra, sendo o começo do cumprimento da promessa de Deus: ‘Eis que faço novas todas as coisas’” (Ap 21: 5). MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 31.

A I Guerra Mundial provocou uma das maiores crises no pensamento moderno, visto que, praticamente, todas as propostas, anunciadas pelos quatro cantos, de que a modernidade, sobretudo a partir do Iluminismo, trariam tempos de prosperidade e de paz, ruíram ante os horrores da Guerra. Ou seja, os limites de confiança no homem e nas pretensões da razão desabaram. A partir de então, o século XX passou a ser considerado “*o século da Igreja*”⁸⁴⁹, dizia Dibelius. Guardini afirma que houve a oportunidade para o que ele chamou de “*despertar da Igreja nas almas*”.⁸⁵⁰ De fato foi um tempo marcado pela desilusão e pela desesperança e com a II Guerra Mundial, o quadro ficou ainda pior.

A Igreja teve a oportunidade de se tornar a grande alternativa. Houve uma grande crise de confiança, nas instituições, com suas ideologias. A Igreja passa a ser vista não como mera instituição religiosa, mas como uma comunidade viva, provocadora de esperança e de sentido de vida, através de sua missão proclamadora das Boas Novas. O idealismo fascista morria e cumpria à Igreja ser a comunidade real, que vivia a dinâmica da existencialidade humana concreta. Nascia um novo senso de missão exatamente no seguimento de Jesus Cristo. Em sua missão ela é o espaço da experiência comunitária, do exercício da comunhão, fruto da oferta do dom de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Por isso que Bruno Forte afirma:

Contra a massificação obsessiva das ideologias, o evangelho da Igreja sublinha a infinita dignidade de cada pessoa em particular diante de Deus e diante da humanidade, independentemente da sua história e de suas posições. Contra o niilismo, ele proclama a real possibilidade do encontro com o outro e a vitória sobre a solidão, graças ao diálogo e à solidariedade, que são gerados e mantidos pelo amor que procede de Deus.⁸⁵¹

⁸⁴⁸ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **Deus na criação**. Petrópolis: Vozes, 1993. **O caminho de Jesus Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1993. Teologia da Esperança. São Paulo: Herder, 1971.

⁸⁴⁹ DIBELIUS, O. **Das Jahrhundert der Kirche**. Berlin: Furche Verlag, 1926, p. 46.

⁸⁵⁰ GUARDINI, R. **La Realtà della Chiesa**. Brescia: Morcelliana, 1967, p. 21. O texto de onde extraí a citação - intitulado O sentido da Igreja (Von Sinn der Kirche), - saiu em primeira edição em 1922.

⁸⁵¹ FORTE, Bruno, op. cit., pp. 133,134.

Na verdade, a Igreja é sempre chamada a viver a experiência trinitária em sua dinâmica eclesial. Por isso que comunhão, graça e amor, uma vez relacionados com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, aplicados à vida da Igreja, resultam na comunhão concreta pelo Espírito, na comunidade reunida pela graça do Filho e na expressão do amor, requerido pelo Pai.⁸⁵² Em outras palavras a Igreja vive, na história, a experiência trinitária. O evangelista João é quem, de maneira particular e peculiar, trata dessa comunhão trinitária que deve se expressar na vida eclesial. É pela ação do Espírito que a Igreja dá testemunho do Cristo ressuscitado.⁸⁵³

A Igreja é chamada a ser e a viver como ícone da Trindade. Ela é a Igreja pneumática, portanto, carismática, no seu sentido mais bíblico e teológico. Daí o comentário de Le Fort sobre a comunhão da Igreja:

A fórmula mais comum, mediante a qual João exprime a realidade escatológica da Igreja é a simples conjunção “como” (*kathôs*). Ela não apenas estabelece um vínculo de semelhança entre Cristo e os seus discípulos, mas indica, também, que aquilo que está em Deus deve estar igualmente naqueles que lhe pertencem.⁸⁵⁴

A presença do Espírito Santo, na vida da Igreja, exercerá a missão de ser a memória de Jesus (Jo 14, 26). Ou seja, ele não só oferecerá testemunho constante do Cristo ressuscitado, mas também capacitará a Igreja a dele testemunhar (Jo 16, 13). É o Espírito que ministrará a graça do perdão na vida eclesial (Jo 20, 22). Bruno Forte afirma o seguinte:

Graças a esta continuidade da fé no tempo e no espaço, a Igreja é una, santa, católica e apostólica, povo de Deus, unido no Espírito santificador, na universalidade e na plenitude da comunhão que se baseia sobre o fundamento dos apóstolos e que vive da fé transmitida pela tradição apostólica [...]. Aquele ao qual compete atualizar a presença salvífica do Senhor Jesus, através do ministério dos pastores protoparentes do Israel escatológico, e através de toda a vida do povo da nova aliança, é o Espírito Santo.⁸⁵⁵

⁸⁵² Ibidem, p. 134.

⁸⁵³ Cf. Jo 15. 12; 13.34; 17.21,22; II Co 13.13; Jo 15.26s.

⁸⁵⁴ LE FORT, P. **Les Structures de l'église Militante selon Saint Jean**. Etude d'ecclésiologie concrète appliquée au IV évangile et aux épîtres johanniques. Genève: Labor et Fides. 1970, p. 172.

⁸⁵⁵ FORTE, Bruno, op. cit., pp. 137,139.

Ainda na perspectiva trinitária, encontramos, à guisa da beleza poética e teológica, a brilhante oração de Santo Agostinho:

Senhor meu Deus, minha única esperança, faze que cansado não cesse de buscar-te, mas busque a tua face sempre com ardor. Dá-me a força para procurar, tu que te fizeste encontrar, e me deste a esperança de sempre mais te encontrar. Diante de ti está minha força e minha fraqueza: conserva aquela e cura esta. Diante de ti está minha ciência e minha ignorância. Onde me abriste (uma porta), acolhe-me ao entrar; onde me fechaste, abre-me quando eu bater à porta. Faze-me recordar-me de ti, faze-me tender para ti e te amar!⁸⁵⁶

A narrativa do livro dos Atos evidencia que o Espírito Santo não é só uma força divina, impessoal, que atua de maneira continuada em Jesus e de forma passageira nas demais pessoas. Pelo contrário, o Espírito tem uma realidade extremamente pessoal, concreta e distinta.⁸⁵⁷ Portanto, é a partir da descida do Espírito que a Igreja começa a espalhar a glória de Deus através de sua ação querigmática por meio de sua vida pneumatológica.⁸⁵⁸ O Espírito Santo, como pneuma, significa a força de Deus necessária para a realização de ações específicas de Deus.

Portanto “*O Espírito é o catalisador e a força guiadora da missão expansiva da comunidade*”.⁸⁵⁹ Este tema nos serve como a mais forte ligação entre os Atos e os Evangelhos, entre a história de Jesus e a história da Igreja (Lc 24, 49; At 1, 4,5,8; 2, 33), pois o Espírito mantém a presença e as diretrizes de Cristo ressurreto na Igreja como o impulso para o universalismo e o poder que possibilita a intrepidez da comunidade⁸⁶⁰. Por ter o Espírito Santo uma característica missionária, seu desejo é que a Igreja também tenha como finalidade principal, a obra missionária.

⁸⁵⁶ AGOSTINHO, Santo. De Trinitate. 15, 28, 51: Pl 42, 1098.

⁸⁵⁷ BOFF, Jenura Clotilde. **Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos**. Para uma Teologia do Espírito. Dissertação de Pós-Doutorado, defendida pela Pontifícia Universitas Gregoriana. 1995, p.80.

⁸⁵⁸ COSTAS, Orlando E., op. cit., pp. 134-136.

⁸⁵⁹ CARRIKER, Timóteo Charles, op. cit., p. 210.

⁸⁶⁰ Ibidem, p. 210.

A Igreja, portanto, é a comunidade na qual Jesus continua vivo, nesta terra, operando sua missão libertadora através do Espírito Santo. É através do Espírito que os discípulos recebem autoridade espiritual para continuarem a missão do Senhor Jesus. Na verdade, a Igreja de Atos é a Comunidade Testemunha.⁸⁶¹ É pela ação poderosa do Espírito que os discípulos entenderam o último mandato de Jesus: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo [...]” (Mt 28, 19).⁸⁶² Ora, nesta perspectiva, após a ressurreição de Jesus, o evangelho de Lucas (24, 46-48) nos informa que o mandato missionário é renovado e a pregação do Evangelho, por parte dos seus seguidores, vai crescendo e ganhando espaço na sociedade. Tal pregação é compreendida pela fé no Senhor Ressuscitado, que constitui a plenitude do querigma da comunidade primitiva.⁸⁶³

Anunciar Jesus ressuscitado, no poder do Espírito Santo, significa anunciar a plenitude do Reino de Deus. Fica claro, em Atos, capítulo primeiro, que há uma conexão entre Jesus e a pessoa do Espírito, ou seja, Ele ensina pelo Espírito (At 1, 3); promete o batismo no Espírito Santo (At 1, 5); e é com o poder do Espírito que os homens serão testemunhas do Ressuscitado até os confins do mundo (At 1, 8).⁸⁶⁴

Há outro aspecto relevante da ação do Espírito Santo como agente capacitador da missão da Igreja que é o que podemos chamar do derramamento da força-dom de Deus, ou seja, a capacidade de descer na dimensão vertical para o mundo daqueles que não têm força (mulheres, os doze, samaritanos) ou que perderam sua força (Paulo, “caído do cavalo”), e de se projetar na dimensão horizontal, ou seja, para longe, destruindo barreiras, cercas e preconceitos, vencendo as fronteiras da religião e da cultura, de raças e de nacionalidades. Isso, porque o seu limite são “os confins do mundo”, gerando acolhimento, hospitalidade e aceitação.⁸⁶⁵

⁸⁶¹ ROBERTI, Carlos. **O Espírito Santo na Obra de Lucas**. Revista Estudos Bíblicos 45 - O Espírito Santo - Formador de Comunidades. Rio de Janeiro. Vozes. 1991, p. 52.

⁸⁶² D'ARAÚJO, Caio Fábio Filho. **Igreja: Comunidade do Carisma**. Rio de Janeiro. VINDE. 1994, pp. 30-32.

⁸⁶³ BOFF, Jenura Clotilde, op. cit., p. 79.

⁸⁶⁴ Ibidem, p. 80.

⁸⁶⁵ ROBERTI, Carlos, op. cit., p. 53.

Segundo Valdir Steuernagel, pensar o vento do Espírito Santo, numa dimensão missionária, é extremamente relevante para a ação querigmática da Igreja. Ele diz:

Missão, compreendida numa linguagem pneumatológica, é um só ato com duas facetas. É, primeiro, perceber o sopro do Espírito e a sua direção. E, depois, é correr na direção em que o Espírito está soprando. Quem já não viu uma pipa solta, dançando pelo espaço e sendo levada de um lado para outro, na direção em que o vento vai e para onde o vento quer? [...] Missão é deixar-se levar pelo Espírito, como acontece com a pipa levada pelo vento. Mas é também perseguir a orientação do Espírito, assim como a meninada persegue a pipa carregada pelo vento. Com a diferença de que o Espírito tem direção certa, por ser guiado por Deus na direção de quem está longe Dele. Missão é, portanto, e simultaneamente, um ato de interpretação e de obediência.⁸⁶⁶

A experiência de Pentecostes (At 2), por si só, alarga a missão para que seja ouvida pelas várias populações da Diáspora. Não tenho dúvida de que o Espírito inicia uma ação missionária inculturada naquele momento especial da Igreja nascente. O Espírito é sumamente ecumênico, visto que ele fala e cada qual entende na sua própria língua materna.⁸⁶⁷ Afirma Carlos Roberti:

As culturas são presença das “*sementes do Verbo*”. Ele não massifica, não uniformiza, mas une deixando a todos sua personalidade [...] inculturar o Evangelho é deixar que a força do Espírito faça brotar e desenvolva aquelas sementes no seu chão-cultura. É crer num só Espírito sem necessariamente crer numa só lei [...] grande desafio para a grande comunidade e para as pequenas também.⁸⁶⁸

⁸⁶⁶ STEUERNAGEL, Valdir. **Obediência Missionária e Prática Histórica**. Em Busca de Modelos. São Paulo: ABU. 1993, pp. 92-94.

⁸⁶⁷ ROBERTI, Carlos, op. cit., pp. 51-53.

⁸⁶⁸ Ibidem, p. 54.

A experiência de Filipe com o eunuco etíope é pela mediação do Espírito (Atos 8, 29,30), e a aceitação última de Pedro, de Cornélio e sua família (Atos 10, 44-48; 11, 12-18) é confirmada pelo derramamento do Espírito sobre esta casa. Observando um pouco mais adiante, verificamos a ratificação deste fenômeno pela Igreja em Jerusalém, que, por sua vez, também é realizada pelo impulso do Espírito (Atos 15, 28,8). O Apóstolo Paulo sempre foi guiado pelo poder do Espírito (Atos 13, 2,4; 16,6-10; 19, 21; 20, 22; 21,11) em todas as suas direções e no chamamento para a missão universal (9,15.16; 22,21; 26,16-18). O Espírito é quem guia a caminhada da Igreja e de seus discípulos, no seu ministério, entre os gentios (11.24; 13.2-4; 19.6).⁸⁶⁹

O verdadeiro significado do Pentecostes era que Deus, a partir daquele momento, não se revelaria apenas por meio dos judeus. A Igreja do Senhor Jesus seria o Seu instrumento. A Igreja ficaria tão cheia do poder do Espírito Santo, que seria capaz de cruzar qualquer barreira racial, cultural ou lingüística e penetrar na idiossincrasia de cada povo com o evangelho das boas novas. Seria uma Igreja decidida a penetrar na própria vida de cada sociedade, com o evangelho sendo pregado na língua materna de cada povo e de forma inculturada.

E o Espírito Santo, que é missionário inculturado, seria o grande agente condutor desse plano, estabelecendo Igrejas em cada grupo étnico da terra.⁸⁷⁰ Sendo assim, o plano do Espírito Santo era transformar o mundo com o evangelho de Jesus Cristo, usando a Igreja. O seu desejo é que cada Igreja compreenda a necessidade de uma ação evangelizadora inculturada, na qual os preconceitos são vencidos pela força do Evangelho.⁸⁷¹

⁸⁶⁹ CARRIKER, Timóteo Charles, op. cit., p. 210

⁸⁷⁰ PATE, Larry, op. cit., pp. 23-24.

⁸⁷¹ Ibidem, p. 26.

Percebe-se que o agir do Espírito Santo, na vida da Igreja e dos apóstolos, no que tange à expansão das Boas Novas além das fronteiras culturais, étnicas, sociais, raciais, promoveu uma inculturação da fé cristã, ainda que com dificuldades e desafios.⁸⁷² Os apóstolos foram percebendo que os gentios não tinham a menor necessidade de tal prática e a mensagem cristã foi inculturada, sendo traduzida e expressa a partir de determinados valores culturais, sem, contudo, perder o seu conteúdo bíblico-teológico. Entretanto, muitos cristãos faziam parte do movimento de classe social baixa, sobretudo aqueles que moravam na Galiléia. Pode parecer paradoxal, mas o movimento cristão conseguiu atingir os mais diversos segmentos da sociedade exatamente por ser um movimento das ruas, das esquinas, e que vivia e crescia fora da institucionalização da religião.⁸⁷³

4.4 A Liberdade Cristã na Teologia de Paulo

Paulo soube sintetizar a essência do evangelho: “*Cristo nos libertou para que vivêssemos em liberdade*” (Gl 5, 1). “*Foi para a liberdade que vocês foram libertados*” (Gl 5, 13). Como somente Deus é absolutamente livre, criou o homem para viver em liberdade. Esta é, na verdade, a grande vocação do ser humano. A vocação de Deus, em Jesus Cristo, a cada indivíduo é exatamente libertá-lo, a fim de que possa viver o desafio da construção e a conquista da liberdade, sempre em resposta à graça de Jesus Cristo, pela poderosa ação do Espírito Santo.

⁸⁷² STEUERNAGEL, Valdir, op. cit., pp. 94-96.

⁸⁷³ Quando comparamos o ministério de Jesus Cristo, realizado na Galiléia com toda a religiosidade vivida na Judéia, sobretudo aquela do templo, constatamos que Jesus não cabia dentro desta religião do templo, visto ter Ele vivido na perspectiva de uma proposta nova, na qual o seu lugar era nas ruas, vivendo e convivendo com o povo em geral, sem qualquer discriminação, oferecendo vida e vida em abundância. Jesus era aquele que sentava à mesa com publicanos e pecadores (Lc 5, 29-32). E é precisamente a partir dessa perspectiva que vai se estabelecendo uma constante tensão entre a Sua vida e a religião dos escribas e fariseus. Cf. C. René Padilla, op. cit., pp. 47-49.

Podemos chamar Paulo de “O apóstolo da liberdade cristã”, sabendo que em sua teologia não havia espaço para libertinagem nem anarquia. A liberdade de que trata o apóstolo não é autonomia absoluta, mas liberdade promovida pelo evangelho, que produz a consciência de que o novo homem, em Cristo, vive a continuidade de Seu ministério como servo de todos.⁸⁷⁴ O Apóstolo Paulo aparece, na história eclesiástica, como sendo o homem que, pela força do Espírito Santo, conseguiu uma das maiores façanhas do cristianismo até os nossos dias, qual seja, promover a passagem do cristianismo de uma cultura semítica para uma cultura helenista.⁸⁷⁵

O interessante na vida de Paulo é que ele não viveu dentro de uma instituição religiosa fechada, sem qualquer visão do todo. Não, ele veio para “*fora dos quadros preestabelecidos e trabalhou sempre fora dos quadros.*”⁸⁷⁶ Isso deu ao Apóstolo uma liberdade de ação sem precedentes na história do cristianismo. Diante do grande desafio de realizar uma nova evangelização em nossos dias, portanto, jamais podemos deixar de analisar o exemplo de Paulo, visto ser ele o grande modelo, depois de Jesus Cristo, de evangelizador de culturas.⁸⁷⁷ Paulo foi tremendamente inculturado no seu processo evangelizador. Vejamos um pouco de sua caminhada.

O escopo aqui proposto é contar, ainda que de forma resumida, a história de Paulo em sua caminhada antes do encontro com o Cristo ressuscitado, que, como veremos, mudaria todo o rumo de sua vida.⁸⁷⁸ Portanto, “Paulo descende de uma rígida família judaica da Diáspora.”

⁸⁷⁴ COMBLIN, José, op. cit., pp. 43-54.

⁸⁷⁵ Id., Paulo - Apóstolo de Jesus Cristo. Rio de Janeiro. Vozes. 1993, p. 07.

⁸⁷⁶ Ibidem, p. 08.

⁸⁷⁷ MEEKS, Wayne A., op. cit., pp. 21-42. Conforme o autor descreve, Paulo era um homem da pólis, da cidade. Portanto, é a partir da cidade que ele lança o seu programa de evangelização. Ele sabia ser cristão na cidade grande. Sua missão de levar o evangelho aos gentios era uma missão essencialmente urbana. Como veremos, era sempre a partir das cidades, com o seu *ethos* cultural próprio, que Paulo buscava inserir o Evangelho.

⁸⁷⁸ BITTENCOURT, B. P. A Personalidade viva de Paulo. São Paulo. Publicação da Associação Acadêmica “João Wesley” - Faculdade de Teologia Rudge Ramos. s/d, p. 23.

"A cidade de Tarso, onde nasceu entre os anos 5-10 (At 21,39;22,3; 26, 9-11), era a capital da região e da província romana da Cilícia".⁸⁷⁹ Tarso era um grande centro comercial, possuindo uma linha divisória de duas culturas: a civilização greco-romana do Ocidente e a civilização semítico-babilônica do Oriente.⁸⁸⁰ Sua cidade natal era famosa pelas suas escolas de filosofia e pela fabricação de "*cilício*", uma espécie de tecido rústico feito de pêlo de cabra para as tendas dos nômades.⁸⁸¹

O ambiente em que Saulo nasceu e cresceu, portanto, era dominado pela civilização grega em praticamente todas as dimensões - a cultura helênica era dominante na época.⁸⁸² Josef Holzner diz:

Este mundo espiritual, moral, artístico e cultural existia por toda a parte, e ninguém podia subtrair-se à sua influência. O homem que havia de escrever: "Examinai tudo e abraçai o que for bom" (I Tess 5,21), com toda a certeza, examinou bem cedo todas as doutrinas que se difundiam à sua volta.⁸⁸³

Saulo nasceu como cidadão romano, pois seu pai era cidadão romano. Ao nascer, o menino recebeu o nome de Saulo, devido ao rei Saulo - Paulo era, provavelmente, seu cognome latino.⁸⁸⁴

Seus genitores eram judeus muito religiosos, pertencentes à seita dos fariseus, ou, pelo menos, fortemente influenciados por esse grupo. Pertenciam à tribo de Benjamim. Ele, Paulo, fazia questão de salientar sua pertença à nação de Israel: "Fui circuncidado no oitavo dia, sou israelita da tribo de Benjamim, hebreu, filho de hebreus" (Fl 3,5). "São hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Eu também" (II Co 11,22). "Eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (Rm 11, 1). Assim, "tanta insistência na pertença a Israel pode ser um sinal de que ele se sentia atacado por esse lado e sentia a necessidade de se defender. Essa pertença foi questionada, pelo menos a sinceridade da sua adesão ao judaísmo".⁸⁸⁵

⁸⁷⁹ BORNKAMM, G. Paulo. **Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Vozes. 1992, p. 31.

⁸⁸⁰ HOLZNER, Josef. Paulo de Tarso. São Paulo. Quadrante. 1994, p. 07.

⁸⁸¹ Ibidem, p.10.

⁸⁸² HOLZNER, Josef, op. cit., p. 8.

⁸⁸³ Ibidem, p. 15.

⁸⁸⁴ CHAMPLIN R. N. & J. M. Bentes. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol. 5. São Paulo. Candeia. 1991, pp. 120,121.

⁸⁸⁵ COMBLIN, José, op. cit., p. 13.

À guisa de informação, podemos observar duas fases na educação paulina: A primeira ocorreu em Tarso e a segunda em Jerusalém. Quando examinamos suas cartas, verificamos que ele foi bastante influenciado pela cultura grega.⁸⁸⁶ É bom observar que a cultura helênica já se infiltrara profundamente no judaísmo Palestino desde o início do século IV a.C.. Sendo assim, “os judeus da diáspora, como Saulo, por exemplo, eram influenciados por esta cultura”.⁸⁸⁷ Por outro lado, Paulo teve uma formação judaica, cuja tradição era milenar. “Ele aprende à sombra do AT”.⁸⁸⁸ Desde muito cedo, Saulo começou a aprender a história do seu povo.⁸⁸⁹ Segundo Atos 22, 3 ele diz: “Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje”.

Digno de registro são as palavras de G. Bornkamm sobre a vida de Paulo:

[...] Paulo se transformou num apaixonado entusiasta da Lei, como o demonstra precisamente a sua opção e decisão pela corrente dos fariseus. Os Atos dos Apóstolos estão certamente corretos quando afirmam que ele recebeu a sua formação em Jerusalém, centro espiritual do movimento. A este período, com certeza, faz referência quando afirma que “progredia, no judaísmo, mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me, no zelo, pelas tradições paternas” (Gl 1,14) e que era “irrepreensível quanto à justiça que há na Lei” (Fl 3,6).⁸⁹⁰

⁸⁸⁶ Ibidem, pp. 16,17.

⁸⁸⁷ CARRIKER, Timóteo Charles, op. cit., p. 224.

⁸⁸⁸ HOLZNER, Josef, op. cit., p. 17.

⁸⁸⁹ Ibidem, p. 19.

⁸⁹⁰ BOMKAMM, G., op. cit., p. 40.

Digna de nota também é a percepção de que toda a influência judaico-religiosa na formação de Saulo tenha, sem sombra de dúvida, contribuído para uma mentalidade nacionalista e sem qualquer visão do outro e do novo.⁸⁹¹ Daí, lançar-se ele cegamente à perseguição dos judeus convertidos ao cristianismo.⁸⁹² Neste contexto, Saulo vive uma religiosidade do tipo intramuros, ou seja, o judaísmo fechado que ele vivia não admitia qualquer outro tipo de religião.⁸⁹³ A partir daí, houve uma espécie de inquisição, da qual ele foi nomeado inquisidor-geral. Espiões, soldados do Templo, plenos poderes, tudo se encontrava à sua disposição.⁸⁹⁴

Ao lançar-se como perseguidor da Igreja, Saulo traz para si a palavra *zelo*. Diz ele: “No zelo, perseguidor da Igreja” (Fl 3,6). “No zelo pelo judaísmo, ultrapassava muitos dos companheiros de idade da minha nação, mostrando-me extremamente zeloso das tradições paternas” (Gl 1,14). “Esse mesmo zelo inflamava o coração dos ‘zelotes’, que se rebelaram contra os romanos e se lançaram numa guerra santa contra o seu domínio”.⁸⁹⁵ “Perseguia ferrenhamente a Igreja de Deus e procurava exterminá-la” (Gl 1,13). “Nem sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus” (I Co 15,9). “Chamou-me ao ministério, a mim, que outrora era blasfemo, perseguidor e violento” (I Tm 1,12,13).

⁸⁹¹ ASHERI, Michael. O Judaísmo vivo. As Tradições e as Leis dos Judeus Praticantes. Rio de Janeiro. Imago. 1995, pp. 27-31.

⁸⁹² Ibidem, p. 24. O referido autor comenta o seguinte: “A Lei judaica, contida no pentateuco, que, na sua essência, é obra de Moisés, foi-se desenvolvendo mais tarde entre os Profetas e adquiriu uma importância histórica mundial quando Esdras, no ano de 445 a.C., por ordem do rei dos persas, a tornou obrigatória para os judeus que tinham regressado do cativeiro na Babilônia. Privado de autonomia política e de qualquer política exterior, o povo judeu concentrou todas as suas apaixonadas energias em si próprio. Os dois pólos em torno dos quais girava toda a vida nacional de Israel passaram a ser a *Lei*, que regulava até os menores detalhes da vida humana, tinha os olhos fixos no passado e estava vinculada à tradição e à *esperança* messiânica expressada no anelo pelo estabelecimento definitivo do ‘reino de Deus’ e da soberania judaica sobre as nações pagãs. Este foi o começo do que entendemos propriamente por *judaísmo*”.

⁸⁹³ É exatamente a partir daí que ele se lança contra os do “Caminho”. É perfeitamente aceitável o argumento de que, até então, Saulo não tivesse qualquer visão inculturada quanto ao processo de evangelização que ele colocaria em prática a partir de sua conversão. Sua formação judaico-religiosa não fora suficiente para dar-lhe tal percepção quando de sua conversão. Por isso, seu encontro com o Senhor Jesus possui muito mais brilho, visto não se tratar apenas de mudança de vida, mas de visão.

⁸⁹⁴ ASHERI, Michael, p. 39.

⁸⁹⁵ HOLZNER, Josef, p. 40.

Atos diz mais acerca do ódio de Saulo:

Saulo, porém, só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Apresentou-se ao Sumo Sacerdote e lhe pediu cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, com o fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres que achasse seguindo tal doutrina.⁸⁹⁶

4.4.1

Paulo: sua Missão e o Processo de Evangelização Inculturada

Sem dúvida alguma, o paradigma do processo de evangelização do apóstolo Paulo foi Jesus de Nazaré, Aquele que havia mudado toda a sua vida.⁸⁹⁷ Sua motivação missionária, portanto, sempre foi a sua vocação. Ela era determinante, pois desde o momento de sua conversão, Paulo sabia de sua missão entre os gentios (Gl 1, 15 ss.).⁸⁹⁸

É preciso esclarecer que, no processo de inculturação da fé através da missão paulina, não havia qualquer conceituação ou mesmo conhecimento sobre o termo *inculturação*.⁸⁹⁹

Entretanto, percebemos com clareza que esta estratégia missionária estava presente em toda a ação missionária de Paulo. Sem dúvida, um dos fatores preponderantes do seu sucesso missionário foi evangelizar a partir das culturas existentes.⁹⁰⁰

⁸⁹⁶ Cf. Gl 1, 13; I Cor 15,9; I Tm 1,12,13; At 9,1,2.

⁸⁹⁷ FOULKES, Ricardo B. **Motivos Paulinos para La Evangelizacion**. In.: Costas Orlando Costas, op. cit., p. 71.

⁸⁹⁸ FOULKES, Ricardo B., op. cit., p. 68.

⁸⁹⁹ Por inculturação, entende-se o processo pelo qual a evangelização se faz a partir de dentro dos elementos culturais pré-existentes. Significa tomar os valores culturais da cultura subjacente. Jesus Cristo, por exemplo, agiu exatamente assim, ou seja, a partir de dentro de sua cultura, Ele iniciou seu processo de evangelização, falando da chegada do Reino de Deus e pregando a sua desafiadora mensagem. Podemos, ainda, afirmar que inculturação é o processo pelo qual a semente da Palavra é lançada na terra da cultura, e a terra produz uma nova planta. Por isso, conforme o tipo da terra/cultura, haverá um tipo de evangelização. No próximo capítulo deste trabalho (*O Desafio de Ser Igreja no Mundo Urbano*) daremos outras definições sobre o termo *inculturação*. Ver as seguintes obras: *Culturas e Evangelização*. Paulo Suess (Org.). São Paulo: Loyola; *Entroncamentos & entrecruces. Vivendo a Fé em um Mundo Plural*. Marcello Azevedo S. J. São Paulo: Loyola; *Inculturação - Desafios de Hoje*. Márcio Fabri dos Anjos (Org.). Rio de Janeiro: Vozes; *A Utopia Possível - Em Busca de um Cristianismo integral*. Robinson Cavalcanti. MG: Ultimato.

⁹⁰⁰ GREEN, Michael, pp. 240-242.

Podemos citar aqui, em linhas gerais, alguns episódios vividos por Paulo que caracterizam muito bem essa questão de sua ação kerigmática “inculturada”. Por exemplo, em Atos 16, 13, ele aparece de modo informal, realizando uma reunião de oração à beira de um rio. Logo em seguida, ou seja, em Atos 16, 15, ele se expressa de forma familiar, entrando na casa de Lídia, iniciando ali uma célula cristã. Em Atos 16, 16-18, já o vemos intrépido, confrontando “demônios” em nome de Jesus Cristo, causando grande impacto à comunidade. Em Atos 16, 24, 25, ele é capaz de cantar na prisão a ponto de incomodar tremendamente o carcereiro, após um terremoto. Paulo era criativo.

Em Atenas sua estratégia era dinâmica, usava as sinagogas para falar aos religiosos, usava praças para pregar a quem interessasse, a quem estivesse passando lá, e usava o teatro universitário e o Areópago, o lugar dos grandes oradores, na dinamicidade da implantação da Igreja de Jesus naquele lugar (At 17, 19-23).⁹⁰¹

Observando Atos 18 e 19, 8,9, deparamo-nos com um homem lógico e sistemático. Os verbos utilizados por Lucas para descrever as características da evangelização e do ensino, empreendidos por ele são todos associados à inteligência, à lógica, como por exemplo: “Ele *persuadia* (três vezes), *discorria* sobre as Escrituras, *ensinava* com método na escola de Tirano. Paulo era um homem aberto para o extraordinário, e Deus, através de suas mãos, realizava coisas maravilhosas” (At 19,11).

Não pode haver dúvidas de que os primeiros missionários foram influenciados pela importância estratégica de certas cidades, nas quais se tornaram alvos prioritários no contexto mais amplo de pregar o evangelho a todo o mundo. Paulo foi o exemplo mais explícito dessa estratégia. Ele escolheu lugares que eram centros da administração romana, da civilização grega, da influência judaica, e de importância comercial.⁹⁰²

Paulo escrevendo aos Gálatas, cerca de 20 ou 25 anos depois de sua conversão, diz:

⁹⁰¹ Id., Como Começar um Ministério Novo. São Paulo. Ed. Abba. 1995, pp. 30,31.

⁹⁰² GREEN, Michael, p. 317.

Imediatamente parti para a Arábia, sem recorrer a nenhum conselho humano, sem ir a Jerusalém ver os que antes de mim eram apóstolos. Da Arábia voltei a Damasco. Três anos depois, subi a Jerusalém para conhecer Cefas e fiquei com ele quinze dias. Dos outros apóstolos não vi mais nenhum, mas somente Tiago, irmão do Senhor. Em seguida fui para as regiões da Síria e da Cilícia. Ainda era pessoalmente desconhecido das comunidades da Judéia. Elas só tinham ouvido dizer: “Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora combatia”. (Gl 1,16-23).

Paulo foi avistar-se com Pedro porque este era de certo modo o representante dos Doze. Não foi para fazer ato de submissão, mas para que houvesse como um reconhecimento mútuo das missões. Paulo reconhecia a qualidade de apóstolos de Pedro e dos Doze, e esperava ser também reconhecido como apóstolo por eles.⁹⁰³

Atos nos informa que, quando voltou para Damasco, depois de um tempo cuja duração não se sabe, Paulo passou imediatamente a pregar o evangelho. A resposta dos judeus foi imediata, ou seja, quiseram matá-lo. Ele teve que fugir (At 9,25).⁹⁰⁴

Sem dúvida, o ponto de partida das missões cristãs foi a Igreja neotestamentária. Temos as palavras do Senhor ressuscitado em Atos 1,8: “[...] mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”.

Assim,

Os discípulos, assustados e inseguros, que haviam fugido durante as horas de agonia do seu mestre na cruz, haviam sido capacitados com o Espírito Santo no Dia de Pentecostes, nascendo, assim, o movimento missionário.⁹⁰⁵

⁹⁰³ COMBLIN, José, p. 32.

⁹⁰⁴ BITTENCOURT, B. P., p. 47.

⁹⁰⁵ TUCKER, Ruth A. p. 28.

O apóstolo Paulo, indiscutivelmente, fez jus ao título de maior missionário da primeira Igreja. Nas palavras de Scott Latourette, “ele tem sido, ao mesmo tempo, o protótipo, o modelo, e a inspiração de milhares de sucessores”.⁹⁰⁶ Paulo tornou-se o evangelista mais ativo do cristianismo do primeiro século. Suas viagens missionárias o levaram a diversas cidades através de todo o mundo mediterrâneo, onde pôde implantar, eficazmente, a partir do conjunto cultural, social, moral, econômico, espiritual etc., as Igrejas nativas de cada local. Em todo o seu processo de evangelização, através de suas viagens missionárias, ele nunca utilizou um modelo eclesial fechado, um pacote eclesiástico, ou uma estrutura eclesiástica rígida. Ao contrário, as Comunidades iam nascendo a partir do seu *ethos* cultural.⁹⁰⁷ Vejamos ainda o testemunho de José Comblin acerca de Paulo:

Paulo foi a irrupção do imprevisível na Igreja. Ninguém tinha pensado nele. Ninguém o preparou. Quando ele se tornou cristão, não souberam o que fazer dele e o mandaram de volta para Tarso. No entanto, quase toda a história cristã desde então teve a sua origem nele, enquanto quase nada permaneceu das obras dos Doze escolhidos por Jesus.⁹⁰⁸

Quando olhamos para o contexto do NT, percebemos que o apóstolo Paulo, o grande missionário inculturado e plantador de Igrejas, pensava e agia estrategicamente.⁹⁰⁹ Quando foi enviado, já tinha sido convertido havia pelo menos doze anos e havia se tornado um dos líderes da Igreja de Antioquia, uma das principais Igrejas daquela época e que se tornou o centro das missões.

Não se pode negar que Paulo se beneficiou do grande conhecimento que adquirira do judaísmo, apreendido aos pés de Gamaliel. No entanto, percebemos com muita clareza que seus planos e estratégias estavam sempre conduzidos pelo vento do Espírito Santo. Por isso, “não eram planos superplanejados, inflexíveis e devidamente executados, mas consistiam num agir inteligente, flexível sob a orientação do Santo Espírito”.⁹¹⁰

⁹⁰⁶ LATOURTTE, Kenneth Scott. **The First Five Centuries**. Vol. 1. A History of the Expansion of Christianity. Grand Rapids: Zondervan. 1970, p. 80.

⁹⁰⁷ CARRIKER, Timóteo Charles, op. cit., p. 228.

⁹⁰⁸ COMBLIN, José, op. cit., p. 08.

⁹⁰⁹ MEEKS, Wayne A., op. cit., pp. 21-26.

⁹¹⁰ VELLOSO, Ary. Iniciando Novas Igrejas. In.: HORREL, J. Scott, op. cit., p.111.

Penetrante e de grande ajuda, quando se trata de implantação de Igrejas, é a observação que Roland Allen faz do ministério de Paulo:

Em pouco mais de dez anos, Paulo estabeleceu a Igreja em quatro províncias do Império: a Galácia, a Macedônia, a Acaia e a Ásia. Antes de 57 a.D., Paulo já podia falar do seu trabalho ali como tendo sido completado e podia planejar viagens extensivas para o extremo ocidente sem a preocupação de que as Igrejas que fundara pudessem perecer na sua ausência pela falta de sua orientação e apoio. O trabalho do apóstolo durante esses dez anos pode, portanto, ser tratado como uma unidade. Seja qual for a assistência que ele tenha recebido da pregação de outras pessoas, é inquestionável que o estabelecimento das Igrejas nessas províncias realmente foi o trabalho dele. Nas páginas do NT, ele, e somente ele, destaca-se como fundador delas. E o trabalho que ele realizou foi realmente completo.⁹¹¹

O apóstolo Paulo usou uma estratégia basicamente simples, ou seja, “ele só tinha uma vida, e estava decidido a usá-la o máximo possível, tirando dela o melhor proveito no serviço de Jesus Cristo”.⁹¹² Sua visão missionária possuía as perspectivas pessoal, urbana, provincial e global.

⁹¹¹ ALLEN, Roland. *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962). Apesar do autor afirmar que o ministério de Paulo durou pouco mais de dez anos, vale dizer que seu ministério teve uma extensão de aproximadamente vinte anos.

4.4.2 Paulo e sua Concepção de Evangelho

Na concepção paulina o termo *evangelho* busca evidenciar o conteúdo e a forma de sua própria missão. O Evangelho significa a proclamação da mensagem e o seu próprio conteúdo. E o conteúdo central do Evangelho é Jesus Cristo.⁹¹³ A sensibilidade de Paulo não permite identificar o Evangelho com qualquer anúncio que não se refira a Cristo.⁹¹⁴ Para Paulo o Evangelho não é uma mera mensagem discursiva. O Evangelho promove relação indispensável com a História e comportamento dos homens e mulheres de Deus.⁹¹⁵ O Evangelho anda par e passo com o anúncio e transformação de vida (2 Co 6.4-10). De igual forma as comunidades de fé devem viver.⁹¹⁶

Paulo percebe o mesmo paradigma na teologia de Calvino. A compreensão sobre a Lei e o Evangelho é o grande liame que produz o novo cidadão do Reino de Deus vivendo na história dos homens. Cada discípulo é desafiado a viver de tal maneira que glorifique a Deus.⁹¹⁷ Para Calvino, há um princípio fundamental da vida cristã, descrito da seguinte forma:

Os cristãos não pertencem a si mesmos, mas ao Senhor. Isto os leva, inclusive, à autonegação, tanto em relação a outros quanto em relação a Deus. Em relação a outros, os cristãos negam a si mesmos perdoando e sendo humildes, bem como servindo a outros em amor. Em relação a Deus, autonegação significa sujeitar-se aos Seus julgamentos, procurando não fazer outra coisa senão a vontade divina, e carregando a cruz. O carregar da cruz não é algo que acontece para alguns cristãos desafortunados, mas é um sinal necessário da vida cristã. A atitude cristã para com a cruz, entretanto, é muito diferente da atitude estóica. O estóico busca o controle de si mesmo e a firmeza; o cristão simplesmente confia em Deus e admite a fraqueza. Assim, as provações estóicas acumulam orgulho e pecado, enquanto que a cruz cristã nos afasta da autoconfiança e nos leva para a confiança em Deus.⁹¹⁸

⁹¹² GREEN, Michael, op. cit., p. 318.

⁹¹³ GOPPELT, L, op.cit., p. 355.

⁹¹⁴ Ibidem, p. 356.

⁹¹⁵ Ibidem, p. 359.

⁹¹⁶ Ibidem, p. 360.

⁹¹⁷ *Institutas*, livro III, cap. 10.

⁹¹⁸ *Institutas*, livro III, cap. 8, seção 9.

Todo cristão alcançado pela graça de Deus em Cristo Jesus, torna-se liberto do pecado e, por conseguinte, liberto da Lei. “Em Cristo, o problema religioso do pecado é resolvido, e o homem restabelece sua comunhão com Deus. A desobediência é transformada em obediência; a imagem de Deus no homem é renovada e ele deixa a escravidão”.⁹¹⁹ Assim, a nova vida é uma vida em comunidade, a Igreja. E esta, é chamada e enviada para o cumprimento de sua missão.⁹²⁰

⁹¹⁹ FERREIRA, E. M., p. 33.

⁹²⁰ Resposta ao Cardeal Sadoletto, p. 32.

Conclusão

Verificamos, de forma muito prazerosa, a presença de Deus no palco da História, através da encarnação de Jesus Cristo, que inaugurou a chegada do Reino e trouxe definitivamente a mensagem da liberdade cristã, tendo os evangelhos como nossa fonte primária e a carta de São Paulo aos Gálatas e, fundamentalmente Jesus Cristo como seu principal interlocutor, como presença real e histórica do Reino e o anúncio da liberdade, que vem acompanhado de suas atitudes, que são sinais da atuação deste Reino.

Vimos que Jesus revoluciona todo o conceito acerca da lei, mesmo sendo o cumprimento da mesma, demonstrou absoluta e total liberdade em relação a tudo aquilo que oprimia o homem. Na verdade, para Jesus, a lei deveria estar a serviço do homem, e não o contrário. Viu-se Jesus como a nova e única proposta de Deus ao homem, a fim de humanizá-lo, tornando-o livre da força opressora do mal, do pecado e de todo tipo de religiosismos. A expressão de Jesus Cristo “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32), tem, em sua própria pessoa e existência, sua corroboração, pois, Ele fala a verdade e põe em ação a verdade libertadora, que é a manifestação da liberdade absoluta com que Deus partilha conosco sua vida, sua verdade e seu amor.

Finalmente, vimos que, na perspectiva paulina Deus, é absolutamente livre e, portanto, criou o homem para viver em liberdade, sendo esta a Sua maior vocação. A vocação de Deus possibilita ao homem, ao mesmo tempo, a conquista e a construção da liberdade, sempre como acolhida e resposta à graça de Jesus Cristo, pela poderosa ação do Espírito Santo.

Posto isso, nosso último desafio é articular as concepções teológicas de Calvino, naquilo que empreendemos realizar, tendo o terceiro capítulo como elemento escriturístico, basilar dentro da temática proposta, estabelecendo um diálogo com os interlocutores modernos e pós-modernos, oferecendo alguns caminhos de atualização da teologia calvinista, como viabilização de encontro, vivência, práxis e anúncio do Evangelho que promove a liberdade do homem. Eis o nosso próximo labor.